

DESENVOLVIMENTO AFETIVO A PARTIR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ÓTICA INTERSUBJETIVA

DOI: 10.5281/zenodo.18461615

Byanca Crystina Almeida Souza

Graduação com Licenciatura em Letras. Especialização em Educação Especial. Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: byancacrystina114@gmail.com

Girlandio Lima da Paz

Graduação em Licenciatura plena em Ciências com Habilitação em Matemática, Especialização em Matemática e Mestrado em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University.

Adaci Estevam Ramalho Neto

Mestre em Ciências da Educação pela WUE, tendo diploma reconhecido no Brasil na área de Ensino pela UNIMES. Professor do curso de Pedagogia na Faculdade Sucesso - FACSU

Marcos Vitor Costa Castelhana

Mestre em Ciências da Educação pela WUE, tendo diploma reconhecido no Brasil na área de Ensino pela UNIMES. Coordenador do curso de Psicologia da Faculdade Sucesso - FACSU

Alessandra Alves Fonseca

Psicóloga, Mestra e doutoranda em Psicologia Social, com atuação em pesquisa, docência. Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental. Professora na Universidade de Vassouras e na Universidade Salgado de Oliveira. Elaboração de projetos acadêmicos e produção científica.
Email alessandrafonseca.psico@gmail.com

Cláudio Eduardo dos Santos Costa Junior

Psicólogo, mestre e doutorando em Psicologia Social, com atuação em pesquisa, docência e prática clínica. Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental, com experiência em saúde mental, contexto organizacional. Pesquisador com foco em interseccionalidade, justiça organizacional, estressores psicossociais e desenvolvimento profissional.

RESUMO: As lapidações da Educação Ambiental – EA, quando implementadas desde a Educação Infantil – EI, permitem a formação contínua e gradual de valores e comportamentos sustentáveis, promovendo

relações significativas entre as crianças e o meio ambiente a partir de uma ótica ecológica e interativa. Nesse sentido, as práticas pedagógicas de cunho intencional, partindo das interlocuções entre a EI e a EA, estimulam o desenvolvimento global e específico dos alunos, fomentando edificações experienciais e executórias a partir dos múltiplos contatos com as variadas dimensões intersubjetivas do infante, estando entre elas os vínculos afetivos. Pensando nisso, o presente artigo discute sobre as relações intrínsecas entre a EA, a EI e os campos desenvolvimento afetivo na primeira infância, considerando os limites e entrelinhas dialógicas nos espectros intersubjetivos, assim como os desafios e potencialidades de tais estratégias e modelos teórico-práticos em tal setorização educativa. Para isso, a metodologia de revisão narrativa foi empregada como principal forma captativa e de organização dos materiais acadêmicos utilizados, valendo-se predominantemente de artigos científicos, de capítulos de livro e obras especializadas publicadas nos últimos 10 anos voltadas aos eixos temáticos abordados, gerl e mente localizadas nas plataformas digitais do Google Acadêmico, Scielo, Portal CAPES e PePSIC. Portanto, sinalizado os apontamentos introdutórios e as objetivações gerais da preeenre produção, seguem os demais tópicos e elementos discursivos relacionados as interações significativas entre a EA, a EI e os aspectos desenvolvimentistas na primeira infância, partindo de um viés dialógico e cunho intersubjetivo.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Educação Infantil. Desenvolvimento Afetivo. Primeira Infância.

ABSTRACT: The refinements of Environmental Education (EE), when implemented from Early Childhood Education (ECE), allow for the continuous and gradual formation of sustainable values and behaviors, promoting meaningful relationships between children and the environment from an ecological and interactive perspective. In this sense, intentional pedagogical practices, based on the interrelationships between ECE and EE, stimulate the overall and specific development of students, fostering experiential and practical learning through multiple contacts with the various intersubjective dimensions of the child, including affective bonds. With this in mind, this article discusses the intrinsic relationships between EE, ECE, and the fields of affective development in early childhood, considering the limits and interconnected dialogues within the intersubjective spectrum, as well as the challenges and potential of such strategies and theoretical-practical models in this educational sector. For this purpose, the narrative review methodology was employed as the main way of capturing and organizing the academic materials used, predominantly relying on scientific articles, book chapters, and specialized works published in the last 10 years focused on the thematic axes addressed, generally located on the digital platforms of Google Scholar, Scielo, CAPES Portal, and PePSIC. Therefore, having indicated the introductory points and the general objectives of this production, the other topics and discursive elements related to the significant interactions between Environmental Education, Early Childhood Education, and developmental aspects in early childhood follow, starting from a dialogical and intersubjective perspective.

Keywords: Environmental Education. Early Childhood Education. Affective Development. Early Childhood.

RESUMEN: Los refinamientos de la Educación Ambiental (EA), al implementarse desde la Educación Infantil (ECI), permiten la formación continua y gradual de valores y comportamientos sostenibles, promoviendo relaciones significativas entre los niños y el medio ambiente desde una perspectiva ecológica e interactiva. En este sentido, las prácticas pedagógicas intencionales, basadas en las interrelaciones entre la ECI y la EA, estimulan el desarrollo integral y específico de los estudiantes, fomentando el aprendizaje experiencial y práctico a través de múltiples contactos con las diversas dimensiones intersubjetivas del niño, incluyendo los vínculos afectivos. Con esto en mente, este artículo discute las relaciones intrínsecas entre la EA, la ECI y los campos del desarrollo afectivo en la primera infancia, considerando los límites y los diálogos interconectados dentro del espectro intersubjetivo, así como los desafíos y el potencial de tales estrategias y modelos teórico-prácticos en este sector educativo. Para ello, se empleó la metodología de revisión narrativa como principal método para recopilar y organizar el material académico utilizado, basándose principalmente en artículos científicos, capítulos de libros y trabajos especializados publicados en los últimos 10 años, centrados en los ejes temáticos abordados, generalmente disponibles en las plataformas digitales de Google Académico, Scielo, el Portal CAPES y PePSIC. Por lo tanto, tras indicar

los puntos introductorios y los objetivos generales de esta producción, se presentan a continuación los demás temas y elementos discursivos relacionados con las interacciones significativas entre la Educación Ambiental, la Educación Infantil y los aspectos del desarrollo en la primera infancia, desde una perspectiva dialógica e intersubjetiva.

Palabras clave: Educación Ambiental. Educación Infantil. Desarrollo Afectivo. Primera Infancia.

INTRODUÇÃO

As lapidações da Educação Ambiental – EA, quando implementadas desde a Educação Infantil – EI, permitem a formação contínua e gradual de valores e comportamentos sustentáveis, promovendo relações significativas entre as crianças e o meio ambiente a partir de uma ótica ecológica e interativa (Verdeiro, 2021).

Nesse sentido, as práticas pedagógicas de cunho intencional, partindo das interlocuções entre a EI e a EA, estimulam o desenvolvimento global e específico dos alunos, fomentando edificações experienciais e executórias a partir dos múltiplos contatos com as variadas dimensões intersubjetivas do infante, estando entre elas os vínculos afetivos (Saheb; Rodrigues, 2019).

Pensando nisso, o presente artigo discute sobre as relações intrínsecas entre a EA, a EI e os campos desenvolvimento afetivo na primeira infância, considerando os limites e entrelinhas dialógicas nos espectros intersubjetivos, assim como os desafios e potencialidades de tais estratégias e modelos teórico-práticos em tal setorização educativa.

Para isso, a metodologia de revisão narrativa foi empregada como principal forma captativa e de organização dos materiais acadêmicos utilizados, valendo-se predominantemente de artigos científicos, de capítulos de livro e obras especializadas publicadas nos últimos 10 anos voltadas aos eixos temáticos abordados, gerl e mente localizadas nas plataformas digitais do Google Acadêmico, Scielo, Portal CAPES e PePSIC.

Portanto, sinalizado os apontamentos introdutórios e as objetivações gerais da preeenre produção, seguem os demais tópicos e elementos discursivos relacionados as

interações significativas entre a EA, a EI e os aspectos desenvolvimentistas na primeira infância, partindo de um viés dialógico e cunho intersubjetivo.

DESENVOLVIMENTO

Em uma movimentação inicial de pesquisa, deve-se apontar que os trabalhos pedagógicos e interativos voltados a valorização multimodal do meio ambiente ganham cada vez mais relevância científica e aplicativa nos espaços acadêmicos e vivenciais na contemporaneidade, uma vez que as formações ambientais permitem a consolidação de cidadãos críticos e sustentáveis mediante as transformações da realidade natural e social (Grzebielika; Kubiak; Schiller, 2014; Rodrigues; Saheb, 2018).

Nesse sentido, a inserção das proposições da EA se faz necessário desde os momentos iniciais do desenvolvimento humano, demonstrando a pertinência de tais englobamentos na EI, permitindo o contato inicial com elementos formativos que influenciarão nos componentes vivenciais e valorativos da criança em suas trajetórias interativas posteriores (Rodrigues; Saheb, 2018).

Seguindo tal lógica, entende-se que a EA, nos âmbitos educativos infantis, apresenta-se como um conjunto de ferramentas e de proposições direcionais capazes de promover o desenvolvimento global da criança, como também a conscientização acerca dos aspectos ambientais e relacionais na vida cotidiana, indo além de uma mera exposição de saberes conceituais, dado que envolvem potencialidades executórias e aplicativas pautadas na realidade específica de cada comunidade escolar (Alles; Lutz, 2021).

Na pesquisa de Grzebielika, Kubiak e Schiller (2014), avista-se que as introduções educativas de matriz ambiental nos âmbitos pedagógicos infantis atingem resultantes significativas na medida que as estratégias aplicativas abarcadas aproximam elementos teóricos e práticos a partir de assimilações experienciais, promovendo a conscientização da criança de forma lúdica, ao mesmo tempo que se comunica com os aspectos da vida cotidiana do infante.

Nesse sentido, Saheb (2016) explicita a importância dos diálogos interdisciplinares, assim como transdisciplinares, entre a EA e a EI, haja vista que tais comunicações fortalecem processos norteadores básicos, a exemplo das ressignificações históricas acerca dos trabalhos ambientais, da compreensão da aprendizagem e do desenvolvimento infantil enquanto alternativa aliada para a apreensão de uma formação sustentável e a lapidação de uma currículo escolar capaz de englobar as óticas ambientais nas dinâmicas pedagógicas voltadas a primeira infância.

Adentrando os campos do desenvolvimento afetivo na primeira infância, contempla-se que alguns dos principais teóricos voltados a tal área, a exemplo de Vygotsky, Piaget, Wallon e Freud, abordam que as interações sociais e as vinculações emocionais se apresentam como caracteres pertinentes para formação intersubjetiva do sujeito, revelando que os dispositivos socioafetivos representam instâncias estruturantes nas aprendizagens e jornadas vivenciais, sobretudo nos períodos iniciais dos panoramas maturacionais-interativos (Piletti; Rosato, 2014).

De tal modo, como vistos nos estádios referentes aos ciclos iniciais entre 0 a 6 anos, visualizados nos estágios impulsivos-emocionais ao estágio do personalismo, estudos por Wallon, e nas contextualizações sensório-motoras e pré-operacionais, descritas por Piaget, observa-se que as constâncias afetivas se introduzem como alternativas e ferramentas intrínsecas para criança representam os seus meios e suas relações intra e interpessoais, servindo de força motriz para aquisições cognitivas e comportamentais (Piletti; Rosato, 2014).

Sob o prisma citado, Amorim e Navarro (2012) explicitam que o desenvolvimento global e saudável na primeira infância, assim como em fases subsequentes, permeiam o estabelecimento de relações interpessoais de caráter positivo, influenciando, necessariamente, nas demais dimensões a formativas, por exemplo as competências intelectivas, executórias e acadêmicas.

Somado a isto, as autoras mencionadas (2012) e Pienta (2021) defendem que a EI se integra mediante as objetivações e organizações do ambiente escolar através das necessidades, dos interesses e das singularidades individuais-coletivas do seu público-

alvo, consolidando a agenciamento socializador nos processos de ensino-aprendizagem, considerando os espectros socioemocionais e interativos propostos em seus sentidos pedagógicos-experienciais.

Além disso, diversos autores, como Bock, Furtado e Teixeira (2009) e Braghirolli e colaboradores (2012) defendem que, a partir de uma ótica psicológica, o desenvolvimento afetivo, sobretudo nos primeiros anos de vida do sujeito, não devem ser negligenciados, haja vista que servem de força motriz para a formação identitária e intersubjetiva, ao mesmo tempo que influencia as demais caracterizações desenvolvimentistas do sujeito em sua singularidade individual-coletiva.

Partindo das intermediações entre a EI e EA, sob a ótica dos campos socioafetivos, Câmara (2017) aborda que tais interações significativas são possíveis nos âmbitos educativos infantis a partir da utilização de estratégias e planejamentos pedagógicos e didáticos de cunho lúdico, trazendo à tona o contato direto e interativo entre as crianças e o meio ambiente, promovendo a consolidação de ações educacionais capazes de atrelar a aquisição de aprendizagens sustentáveis, a significação das relações ambientais e o desenvolvimento integral em uma mesma ótica integrativa.

Destarte, a autora (2017) destaca que os modelos educacionais ocidentais definem obstáculos para associação dos aspectos emocionais nas atuações pedagógicas, historicamente falando, sobretudo quando mencionadas as composições educativas-ambientais, revelando que adoção de posturas e de abordagens teórico-práticas e metodológicas-vivenciais de caráter socioafetivo baseados na ludicidade são fundamentais para a constituição do sujeito ecológico, devendo ser abarcado desde os processos iniciais da EI.

Seguindo tal lógica, evidencia-se que os manejos pedagógicos, Medeiros nas bases interdisciplinares entre a EI e a EA, permitem as articulações idiossincráticas e experienciais dos fatores emocionais para a construção de relações saudáveis entre a criança e o meio ambiente, assim com as demais contingências que fomentaram essas estruturações relacionais (Câmara, 2017).

Na pesquisa de Bandeira (2025), esboça-se que as relações entre a EI e a EA devem seguir parâmetros contínuos, críticos e intencionais, uma vez que, para além dos espectros das apreensões acadêmicas, as movimentações citadas possibilitam a formação integral e sustentável da criança, integrando um conjunto de repertórios e de percepções mediante as constantes éticas, políticas e vinculativas-emocionais integradas as discussões ecológicas, servindo de base para períodos experienciais posteriores.

Dessa forma, as integrações abordadas, amplamente associadas aos espectros socioafetivos nos âmbitos formativos da infância, objetivam a religação da criança com os espaços naturais, reiventando os caminhos da aprendizagem por via de alternativas dialógicas e lúdicas, ao mesmo tempo que estimula as percepções ecológicas do infante, indo de encontro com os padrões de desperdício e consumismos, visualizados nas estruturas históricas das sociedades ocidentais (Bandeira. 2025).

Em ótica multifatorial e transdisciplinar, Castelhana, França e Almeida (2023) pontuam que as interações significativas entre a EA e os aportes críticos catalisam potencialidades emancipatórias e inclusivas ante as contextualizações formativas e interativa nos espaços educativos, fomentando, inclusive, a lapidação de habilidades socioemocionais, considerando as suas instâncias intra e interpessoais.

Vale ressaltar que, além das pontuações supracitadas, faz-se necessário a formação adequada de professores que trabalham com tais temáticas nos âmbitos educacionais infantis, fomentando a aplicação assertivas de implantações e estratégias educativas ambientais, levando em consideração as caracterizações idiossincráticas associadas ao meio pedagógico específico (Verdeiro, 2021).

Outro empecilho voltado às fortificações da díade EA-EI, gira em torno da ausência da disponibilização de materiais adequados e adaptados nos âmbitos pedagógicos gerais no cenário nacional, ressoando nos âmbitos aplicativos e organizativos da EI, promovendo aproximações descontextualizadas e poucos eficazes mediante as interações significativas das crianças acerca dos aportes citados (Lucas; Bennoto, 2017).

Somado a isto, mesmo com a presença de leis e documentações específicas relacionadas aos âmbitos sustentáveis, a título de exemplo do Art. 225 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), pautado na ideia que a EA enquanto dever do Estado e de toda coletividade, dos princípios e diretrizes baseadas na Lei nº 9.795 – Política Nacional de Educação Ambiental - PNEA (BRASIL, 1999) e a introdução pertinente do meio ambiente como uma temática transversal na Educação Básica - EB e no Ensino Superior através dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997), existem dificuldades na execução e na efetivação de tais políticas públicas nos cenários educacionais, sobretudo nos âmbitos da EI, como abordado por Anjos e Lima (2024).

Em contrapartida, Prigol (2021) aborda que, apesar das dificuldades mencionadas acerca dos âmbitos educativos ambientais, existe um crescimento significativo nas últimas décadas das concepções transversais relacionadas ao meio ambiente, permitindo diálogos cada vez mais interdisciplinares e transdisciplinares nos diferentes eixos pedagógicos da EB, edificando meios singulares para o desenvolvimento global e formativo dos estudantes, ao mesmo tempo que propõem aportes estruturantes que vão de encontro com as matrizes categóricas.

Por fim, pontua-se que as interações significativas entre a EI e a EA constituem caminhos assertivos para o desenvolvimento global e específico mediante os recortes da primeira infância, promovendo a lapidação de instâncias associadas as formações afetivas, assim como de suas habilidades socioemocionais associadas, gerando caminhos para conscientização ecológica por via de bases interativas e idiossincráticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o discutido, fica evidente que a utilização assertiva de estratégias e planejamentos pedagógicos pautar dos nas intermediações entre a EI e a EA permeiam campos significativos para o desenvolvimento afetivo dos infantes, sobretudo quando visualizado as contribuições dos teóricos do desenvolvimento humano, como também em pesquisas educativas associadas, considerando as necessidades e os interesses intrínsecos dos alunos, permitindo um contato didático-vivencial com o meio ambiente, lapidando

vinculações com o eu, o outro e o mundo, em suas instâncias simbólicas, sociais, materiais e emocionais.

Contudo, como abordado ao longo do presente estudo, existem obstáculos circunscritos em tais implementações nos eixos educacionais nacionais, girando em torno de fatores direcionais, organizativos e formativos, uma vez que a ausência da efetivação de políticas públicas e de materiais norteadores de caráter ambiental-educacional, a falta de estruturas ou materiais aplicativos nos ambientes escolares e a escassez de formações docentes voltadas aos panoramas sustentáveis, representam alguns dos principais empecilhos para a consolidação significativa das fomentações analisadas.

REFERÊNCIAS

ALLES, Raquel Lima Alles Nunes Marli; LUTZ, Armgard. Educação Ambiental na Educação Infantil. Salão Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão da Uergs (SIEPEX), v. 1, n. 10, 2021.

AMORIM, Márcia Camila Souza; NAVARRO, Elaine Cristina. Afetividade na educação infantil. Revista Eletrônica Interdisciplinar, v. 1, n. 7, 2012.

ANJOS, Marineuza Matos; LIMA, Gerusa. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL. REVISTA EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS-ISSN 26755718, v. 1, n. 6, p. 152-175, 2024.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2009.

BRAGHIROLI et al., E. M. Psicologia geral. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 28 abr. 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente. Brasília, DF: MEC, 1997.

CÂMARA, Vanessa Oliveira Fernandes. A importância da Educação Ambiental lúdica: abordagens e reflexões para a construção do conhecimento infantil. Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), v. 12, n. 4, p. 60-75, 2017.

CASTELHANO, M. V. C.; FRANCA, A. W. ; ALMEIDA, F. F. F. . Educação ambiental e as perspectivas críticas: meio ambiente como possibilidade emancipatória- inclusiva frente das habilidades socioemocionais. Revista Brasileira de Filosofia e História, v. 13, p. 1424-1433, 2023.

GRZEBIELUKA, Douglas; KUBIAK, Izete; SCHILLER, Adriane Monteiro. Educação Ambiental: A importância deste debate na Educação Infantil. Revista Monografias Ambientais-REMOA, v. 13, n. 5, p. 3881-3906, 2014.

LUCCAS, Marinete Belluzzo; BONOTTO, Dalva Maria Bianchini. Educação ambiental na educação infantil: algumas contribuições. Pesquisa em Educação Ambiental, v. 12, n. 2, p. 10-23, 2017

PIENTA, A. C. G. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Curitiba:IESD BRASIL, 2022.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques. Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo. São Paulo: Contexto, 2014.

PRIGOL, E. L. Transversalidade na Educação. IESD BRASIL: Curitiba, 2021.

RODRIGUES, Daniela Gureski; SAHEB, Daniele. A educação ambiental na educação infantil segundo os saberes de Morin. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 99, p. 573-588, 2018.

SAHEB, Daniele. A educação ambiental na educação infantil: limites e possibilidades La educación ambiental en la educación infantil: límites y posibilidades. REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, p. 133-158, 2016.

SAHEB, Daniele; RODRIGUES, Daniela Gureski. Infância e experiências em Educação Ambiental: um estudo da prática docente na educação infantil. Revista Lusófona de Educação, n. 43, p. 59-74, 2019.

VERDERIO, Leonardo Álisson Pompermayer. O desenvolvimento da Educação Ambiental na Educação Infantil: importância e possibilidades. Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), v. 16, n. 1, p. 130-147, 2021.